



RESISTÊNCIA E EMPODERAMENTO FEMININO EM JUSSARA SALAZAR*

RESISTANCE AND FEMALE EMPOWERMENT ON JUSSARA SALAZAR

Silvana Cattelan¹

Claudio Mello²

Resumo: Este artigo apresenta incursões no poemário *O dia em que fui Santa Joana dos Matadouros*, publicado em 2020 por Jussara Salazar, para destacar o modo como a autora explora a temática da violência contra a mulher, seu silenciamento, a opressão patriarcal, o feminicídio. O objetivo é explicitar a intensidade poética de vozes insubmissas contra tal estado de violência, de forma a um tempo lírica e política. Uma leitura atenta desses textos oferece possibilidades de interpretação alinhadas ao empoderamento do universo feminino diante de circunstâncias opressoras e situações de marginalização que envolvem a experiência de ser mulher na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Literatura de autoria feminina. Literatura de gênero. Feminicídio.

Abstract: This article presents incursions into the book *O dia em que fui Santa Joana dos Matadouros*, published in 2020 by Jussara Salazar, to highlight the way in which the poet explores the theme of violence against women, their silencing, patriarchal oppression, femicide. The objective is to explain the poetic intensity of unsubmissive voices against such a state of violence, in a lyrical and political way. A careful reading of these texts offers possibilities of interpretation aligned with the empowerment of the female universe in the face of oppressive circumstances and situations of marginalization that involve the experience of being a woman in contemporary society.

Keywords: Literature written by women. Genre literature. Femicide.

¹ Mestra em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste. Professora da rede estadual de Educação Básica do Paraná. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Educação. E-mail: sileded-bora@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-1695-862X>.

² Doutor em Letras e Professor Associado do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste. Membro do GT Literatura e Ensino da ANPOLL. Email: claudiomello@unicentro.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1029-1054>.

* Artigo recebido em 30 de novembro. Aceito para publicação em 28 de dezembro de 2023.

Os textos da poeta Jussara Salazar trazem para a reflexão muitos assuntos que dizem respeito ao que acomete as mulheres no contexto atual, como as formas de opressão, as imposições do masculino, a necessidade de segredos, poucas pronúncias, meias palavras, a violência tanto verbal quanto física, entre outros, que tentam normalizar ou naturalizar a submissão sexual feminina no discurso hegemônico.

Com o objetivo de explicitar a intensidade poética de vozes insubmissas contra tal estado de violência, no presente artigo fazemos incursões por alguns textos de sua obra *O dia em que fui Santa Joana dos Matadouros*, publicada recentemente (SALAZAR, 2020). Uma leitura atenta desses textos oferece possibilidades de interpretação alinhadas ao empoderamento do universo feminino diante de circunstâncias opressoras e situações de marginalização que envolvem a experiência de ser mulher na sociedade contemporânea.

A poética de Jussara Salazar: vozes interditas através da dor

O cenário atual em que se inscreve a mulher que produz literatura no Brasil é plural e revela uma preocupação em expressar muitas vozes e desejos de independência. Apesar dos avanços, sabemos que ainda há pouca visibilidade da escrita de autoria feminina no universo literário, como se nota na quantidade de obras disponíveis em manuais didáticos, em listas de vestibular, em acervos de bibliotecas escolares etc.

Nesse sentido, acreditamos que o referido trabalho possa ser uma oportunidade de levar mulheres à reflexão sobre situações que ocorrem no cotidiano e que podem estar atreladas a algumas marcas do patriarcado, pois, ao longo da história da humanidade, a questão do pertencimento da mulher em relação ao pai, ao marido, aos filhos, e em tempos remotos ao rei, impingiu a ela características de um ser desprovido da capacidade de administrar sua existência. Por essa razão, no decorrer do tempo a mulher precisou incorporar ao seu cotidiano um espírito de luta por aquilo que lhe era negado.

Assim, o triunfo do patriarcado não foi nem um acaso nem o resultado de uma revolução violenta. Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. Eles nunca abdicaram o privilégio; alienaram parcialmente sua existência na Natureza e na Mulher, mas reconquistaram-na a seguir. Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino. [...] São eles que decidem se as divindades supremas devem ser femininas ou masculinas. O lugar da mulher na sociedade é sempre eles que estabelecem. Em nenhuma época ela impôs sua própria lei (BEAUVOIR, 1970, p. 97-98).

Realmente, muitas vezes o homem se posiciona de forma superior e busca privilégios a partir do lugar que a mulher ocupa historicamente, o que o deixa em uma confortável posição de dominação. Tal situação foi ao longo do tempo construída sobre uma variada gama de aspectos, desde biológicos e religiosos a místicos e psicanalíticos, desenvolvidos em teorias diversas por pensadores como Hegel, Freud e Nietzsche, resultando em uma categorização cultural e social da mulher como um ser subjugado e inferior ao masculino. À medida que os anos passaram, algumas pequenas mudanças ocorreram, permitindo com isso que a mulher trilhasse um caminho em busca de autonomia e valorização, como acontece dentro dos movimentos feministas (REAUVOIR, 1970).

Dentro dessa perspectiva, salientamos o que postula Teixeira (2008) quanto ao resgate de textos que visam salvar a criação literária de autoria feminina, considerados um dos estudos mais produtivos no âmbito da pesquisa feminista. Esses textos levantaram questões esclarecedoras e relacionadas ao sistema de representação usado na construção da história literária. Isso se deve ao fato de que sua base é voltada para crenças estéticas, por expressar valores ideológicos claros que permanecem invisíveis nos padrões de criação literária de autoria feminina. A autora enfatiza a censura ao discurso crítico, pois cabe, em última instância, estabelecer um quadro de referência que padronize as condições de aceitação de obras em determinado contexto nacional, definindo assim o que ele significa. Também é relevante determinar quais obras literárias constituem a representatividade, o discurso e a singularidade simbólica da cultura nacional (TEIXEIRA, 2008).

Ao analisarmos o contexto da contemporaneidade como inspiração poética, percebemos uma pluralidade expressa em textos que circulam socialmente e contribuem para uma maior visibilidade das obras de autoria feminina e para a constituição de um espaço de legitimação das vozes “não autorizadas”. Nesse sentido, entendemos que o lugar de fala da escritora Jussara Salazar se identifica com as vozes excluídas, pois a autora se reconhece mulher, trata de assuntos femininos e fala por mulheres através dos seus textos.

Considerando o movimento feminista em sua legitimidade e o fato de ter se estabelecido por levantar bandeiras consideradas radicais à época, como: a mulher possuir acesso às universidades, escolher suas profissões, receber salários iguais, entre outros, que fazem parte do debate da sociedade atual, as contribuições quanto aos avanços no campo feminino e, em geral, deveriam ser inquestionáveis. No entanto, em muitos países, inclusive no Brasil, há resistência quanto à palavra feminismo. Isso se dá em razão da existência da reação conservadora antifeminista, em torno da qual paira uma má interpretação do termo e dos significados equivocados que lhe são atribuídos, gerando, assim, preconceito e isolamento aos adeptos da causa, o que faz com que se diminua a valorização dos verdadeiros significados e resultados do movimento (DUARTE, 2003).

Os versos do silenciamento

Na orelha de *O dia em que fui Santa Joana dos Matadouros* há um texto que apresenta a obra e faz uma rápida descrição das histórias – inspiradas em narrativas reais – de Zia, Maria e Beatriz, as quais são usadas para a construção do livro e revelam o silenciamento de três mulheres marcadas pela violência material e simbólica. Elas são o motivo da expressão literária, são vingadas pelos versos, são retomadas através da memória e seus nomes pronunciados lembram que “dizer é também agir: a minha guerra será a tua guerra/não a guerra dos homens/mas a dos pássaros desgarrados” (SALAZAR, 2021).

A força da obra tem sido reconhecida pela crítica literária:

Jussara Salazar vem fazendo uma trajetória absolutamente notável, apesar da discricção que marca sua pessoa e sua presença na cena literária e artística brasileira. No finzinho do doloroso ano passado, saiu sua última obra, *O dia em que fui Santa Joana dos Matadouros*, pela editora Cepe, num momento em que poucos puderam festejar o acontecimento como ele merecia; porém trata-se, ao mesmo tempo, de uma continuidade de seus projetos de longa data, e de uma peça forte, única na poesia brasileira atual. Não foi mesmo à toa que recebeu o 6º Prêmio Hermilo Borba Filho de Literatura. (FLORES, 2021, n.p.).

No decorrer do ano 2021, Jussara Salazar se aproxima da conquista do Prêmio Jabuti, na categoria poesia, o que por si denota o cuidado estético da produção da autora, que merece participar da composição da história da literatura contemporânea nacional. Sua autoria é composta de uma escrita que desafia o cânone e utiliza modelos de mulheres reais, que são aquelas que fazem parte de um mundo marcado pela autonomia e que não se calam diante da marginalização (ZOLIN, 2009).

No que diz respeito à temática da obra *Santa Joana dos matadouros*(2020), o crítico destaca a relação com a realidade agreste vivenciada pelas mulheres no Brasil atual:

Há tempos não tínhamos uma tal capacidade de estar simultaneamente dentro e fora de uma experiência radical. Só poderia vir de uma poeta pesquisadora, de uma poeta atenta às complexas unidades que o mundo faz em sua fragmentação, de uma poeta que sabe o verdadeiro dever ético de ter muitas vozes, ser muitas vezes o cerne da dor. Neste que foi talvez o grande livro de poesia brasileira de 2020, saído nos estertores desse ano de luto e silenciamento, um fim de ano ainda por cima marcado por vários feminicídios, Jussara Salazar faz com maestria o que vinha já fazendo há décadas. Devolve o mundo ao mundo, com toda sua beleza e violência; produz o impacto, o corte de faca que só um poema pode conceber. (FLORES, 2021, n.p.).

O título do livro parece soar uma experiência vivida. No entanto, por se tratar de uma obra poética, pode estar relacionado ao que diz Barthes (1999, p. 33) “[...] o escritor é aquele que fala em lugar de outro”. Dessa maneira, ao revelar a preocupação com quem passou por essas situações, observamos que a autora procura dar vozes a quem foi calada pela violência, fazendo uso da linguagem literária que está expressa nos poemas de forma pungente, como ressalta Flores:

Jussara Salazar, porém, sabe, talvez mais do que ninguém, que a retomada da voz não é o grito desmesurado, nem a chamada desesperada por compaixão: a retomada da voz é, talvez paradoxalmente, a proliferação das vozes, que contrastam a potência de beleza do horror contra essas vidas com a potência de beleza do que essas mesmas vidas poderiam ter sido, não fossem assim silenciadas, cortadas. Aí está o jogo de sutileza, de pesquisa, de projeto. Dez anos de escrita reunidos num gesto forte e pungente, sem cair no sentimento fácil, arrancando das cenas, entre vividas e imaginadas, o ponto em que a tragédia pessoal se torna a repetida farsa pública (FLORES, 2021, n.p.).

Observa-se na citação a semelhança do que relata Salazar sobre seu próprio fazer poético: “[...] A poesia caminha lado a lado com a vida [...] Eu procuro fazer da minha poesia a minha voz [...]” (SALAZAR, 2021, n.p.). A partir das narrativas, a poeta ressignifica os acontecimentos e permite que o fazer poético seja para o leitor motivo de reflexão. Assim, a escrita da poesia associa-se com o que afirma (BOSI, 1977, p. 192): “A poesia traz, sob as espécies da figura e do som, aquela realidade pela qual, ou contra a qual, vale a pena lutar.” É por meio de uma linguagem aprimorada que a poeta realiza o trabalho de sua escrita que nos parece ser fruto de uma atenta observação do real, sem cair no sentimentalismo fácil:

A sutileza em Salazar está na recusa do dado imediato, do sentimentalismo piegas que, vira e mexe, volta a assolar a poesia brasileira com transbordamentos afetivos, ou um anseio apressado de comover o leitor do modo mais barato. Pelo contrário, até quando toca nos assuntos mais delicados, [...] Jussara busca mover a leitura e a audição dos poemas pelo engajamento material da linguagem, pela construção lenta em ritornelos e desvios, pelo embate mesmo das vidas ali envolvidas, ela própria se envolvendo incontornavelmente (FLORES, 2021, n.p.).

Esse aspectos nos lembraram os versos de Fernando Pessoa que compõem o poema “Autopsicografia”: “O poeta é um fingidor/ finge tão completamente/ que chega a fingir que é dor/ a dor que deveras sente”, ao pensarmos na capacidade criadora de Jussara Salazar e sua alteridade ao utilizar vozes silenciadas que ganham vida através da sua poesia. Consideramos a importância das expressões coletivas nos textos de autoria feminina, representadas pelas palavras que figuram nos textos da autora e ecoam como atitude de resistência em uma sociedade excludente.

Fazer de sua escrita uma luz em meio à realidade é missão do escritor, de acordo com Veríssimo (1977). Quem está disposto a propagar essa luz, necessita de muita insistência para que sua voz cumpra uma função. Notamos isso quando Salazar (2021) escreve: “Quando levanto minha voz aqui, alguém silencia ali”, expressando insatisfação em relação à violência de gênero e o feminicídio, temas fortes que exploraremos a seguir.

Esse assunto deixou de circular somente nos meios jornalísticos e passou a marcar as páginas literárias e artísticas, o que se constitui em um registro não só estético, como também político:

Em um momento tão necessário quanto o atual, em que a violência contra a mulher vem à tona e o feminicídio atinge índices alarmantes, é não só importante quanto também necessário que o tema da violência contra a mulher ganhe tanto as páginas literárias quanto também maior espaço junto às outras formas de arte, no entendimento de que as artes como um todo, além de recurso estético, operam também enquanto ato político, na medida em que problematizam temas e geram discussões e reflexões necessárias ao avanço das pautas das mulheres (SILVA, 2021, p. 336).

É nesse sentido que lemos os poemas de *O dia em que fui Santa Joana dos Matadouros*, pelas características que assinalam a violência simbólica contra a mulher. Na abertura do livro, Salazar usa da intertextualidade e pede licença a Brecht para emprestar parte do título da obra teatral *Santa Joana dos Matadouros*, escrita pelo dramaturgo alemão entre os anos 1929 e 1931, para com isso potencializar a luta e a beleza trágica de três mulheres. As memórias para compor os versos são revisitadas, com isso, a autora procura expor esses fatos para que o silenciamento ganhe voz em formato de poesia. Com isso notamos o poder transformador da poesia, que para muitos pode ser uma espécie de método de libertação interior. Na expressão poética, revela-se o humano, suas crenças, histórias e vozes das classes representadas, a linguagem utilizada torna-se múltipla de sentidos e significações (PAZ, 1982).

Da violência simbólica ao feminicídio

Passamos à análise dos textos que selecionamos, para demonstrar mais concretamente as interpretações vimos comentando. *O dia em que fui Santa Joana dos matadouros* está dividido em três partes. A primeira, intitulada “Zia, fogo e silêncio”, é composta de poemas que retomam um ocorrido com Natália, chamada de Zia, a qual, após um envolvimento amoroso com um tenente, fugiu com ele e por essa razão seu irmão queimou seus pertences em praça pública e proibiu a família de pronunciar seu nome. A segunda parte do livro, com o subtítulo “Maria, a degolada”, apresenta os poemas que são dedicados à Maria da Conceição Bueno,

curitibana degolada por um soldado, no século XIX. Finalmente a terceira parte, chamada “Lamento para Beatriz”, que é a conclusão do livro, com poemas em homenagem a Beatriz, soprano carioca que foi vítima de uma bala, disparada da arma de um homem que atirava do décimo andar de um prédio.

Começemos com o texto que abre a primeira parte:

CÂNTICO DA SAGRAÇÃO DE UM NOME

Espírito do tempo
quando teu nome
for novamente pronunciado
sentirei amor por alguns e
quando amanhecer
entre os escombros
sentirei o calor das patas úmidas
do animal que ronda
depois da tempestade
pisando sobre o algodão
que brotará da pele negra da terra
e sentirei amor por todos os lobos
que agora se ocultam
bebendo o leite deste estranho anoitecer
(SALAZAR, 2020, p. 15).

Notamos nos versos “sentirei o calor das patas úmidas / do animal que ronda” a presença de uma metáfora que sugere uma possibilidade de passagem esmagadora, perigosa, na qual a saída é escura e triste. A conotação da ideia de antítese é observada nos versos: “pisando sobre o algodão / que brotará da pele negra da terra”.

A constituição dessa figura pelos termos algodão e negra pode representar uma associação à cor branca e estar vinculada ao significado de passagem, descrito da seguinte forma, “[...] é uma cor de passagem, no sentido a que nos referimos ao falar dos ritos de passagem ou das mutações do ser, como a morte (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 191).

A palavra amanhecer, que está no 5º verso do poema, apresenta oposição ao último verso com a palavra anoitecer. A sugestão da necessidade de voltar a mencionar o nome, que aparece como sagrado, ganha forças na medida em que todo o julgamento seja esquecido, que uma nova visão desperte um sentimento de respeito em relação a essa pronúncia e que não haja mais ocultamento de ações por parte de quem conhece o referido nome. A proibição da pronúncia do nome de Natália é um ato de violência exercida sobre ela, é uma forma autoritária de silenciar uma mulher que faz parte da família.

O texto a seguir foi retirado da segunda parte do livro *O dia em que fui Santa Joana dos Matadouros* (2020), no qual Salazar dá voz a Maria, a jovem degolada chamada Maria Bueno, vítima de feminicídio em Janeiro de 1893, em Curitiba. Tempos depois, Maria foi reconhecida como santa popular de Curitiba, embora não tenha sido oficializada pela Igreja Católica. A barbárie chocou a cidade e o assassino, Ignácio José Diniz, que era soldado, foi absolvido pela justiça. Alguns jornais noticiaram o fato, outros deixaram transparecer julgamentos morais quanto à figura de Maria.

CURITIBA, 1983.

noite de sombra.
os caminhos da mata rondam a filha da cidade onde almas dormem
aura hora a flecha corta seu coração ao meio
e agora bate em sua porta envenenando o cordeiro
e o teu vestido
tule negro
resiste na escuridão do jardim do medo
em meio aos jasmims
desfiado fio por fio
revirado dedo por dedo
(SALAZAR, 2020, p. 45).

escuta soprar o vento maria: a faca pontiaguda te vigia.
a rebelião dos pássaros plana aqui na página vazia trama.
(SALAZAR, 2020, p. 46).

O início do poema traz a palavra “noite”. De acordo com o *Dicionário de símbolos*, de Chevaier e Gheerbrant (2020), o termo está ligado ao sono e à morte, aos sonhos e às angústias, à ternura e ao engano. O caminho percorrido é sombrio, onde a inocente vítima aproxima-se do golpe fatal, preparado por alguém que a espera. É nesse contexto que a morte é tecida. O último verso trata da rebelião dos pássaros, ocorrência que denota incômodo com a paisagem do cenário vazio. “O voo dos pássaros os predispõe, é claro a servir de símbolos às relações entre o Céu e a terra. Em grego, a própria palavra foi sinônimo de presságio.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 761).

A faca é o objeto de execução utilizado para pôr fim a uma vida, para silenciar uma voz, para contrariar a liberdade da jovem que se sentia livre da pessoa com a qual teve um relacionamento. Rememorar pela poesia o passado é dar voz a quem foi silenciada, para desnaturalizar tais acontecimentos, que continuam a ocorrer em nossa sociedade. Isso faz da obra de Salazar um verdadeiro manifesto.

O poema abaixo, faz parte da terceira parte do livro, “Lamento para Beatriz.”

Rio de Janeiro, 2001.

OH SENHOR!

[*in memoriam*]

Beatriz. Décimo andar.
o modo como ela ouvia a chuva
um modo panorama
vidros paisagens em time *elapsed*
um mar
uma subida pela trilha sagrada
como na película
que no momento final o rapaz lhe salva
calça justa cabelos negros
gingando pela calçada ou
sobre a pista de dança
daquele modo
como ele
o rapaz
dançava
o corpo nos 70 aquele rapaz
o modo como agora beatriz já não canta senhor
saída de um retábulo *hieronymus*
sobre a mesa da sala
reflexos sombras arabescos
os pássaros

monstros voando como balas
estilhaçando as janelas de um céu azul
os pássaros sem modos do amanhecer
os estridentes, eles
cristais presos ao vidro
as balas azuis as balas
os cavaleiros com suas caras
e a cruz
no peito estilhaçado pelos mesmos pássaros
a sala a vala rasa a vara dos
treze anjos no teto a casa
são anjos com olhar afiado
de oh piedade senhor tende de nós
o modo como ela sabia das flores
dos dias
e dias lilases branco pálidos como seu rosto
e flores até enegrecerem
negras secarem
vivas
como velas tremulando sobre as paredes
bebendo o leite das noites de celan

o modo como ela atravessava e bebia o corredor
e anoite varava
oh senhor!
(SALAZAR, 2020, p. 73-75).

O poema menciona o nome de Beatriz, cantora do bairro de Copacabana, assassinada com uma bala na boca. O tiro foi disparado por um militar incomodado com o barulho, no prédio onde morava. Jussara Salazar encontra na poesia uma forma que, além de oportunizar voz à vítima, denuncia a brutalidade feita com as mulheres na história. A autora faz uma homenagem para sua amiga Beatriz, logo após o ocorrido.

Nos versos da poeta, abre-se um mundo de reflexões quanto à violência, quanto às atrocidades diárias em meio a um contexto aparentemente caótico, no qual os versos e a linguagem apresentam as vozes abafadas, silenciadas, apagadas de todas as figuras femininas vítimas de feminicídio ou outros tipo e violência, verbal ou física.

Nos três casos citados de cada parte do livro, a voz se cala. Zia é silenciada pela proibição da pronúncia do nome, e o fogo marca o fim de suas memórias. Quanto a Maria, a faca põe fim à sua vida, cortando sua garganta, por onde deveria sair sua voz, mas foi por onde sua cabeça foi separada do corpo. Em Beatriz, a boca calada com a bala. Três vidas, três vítimas da necessidade de calar. Em tempos diferentes o silenciamento das mulheres persiste, em situações distintas que se unem em um mesmo objeto de representação dos fatos. Em nome da honra, o alto preço pago com a vida para lembrar tantas outras vozes que ainda continuam sendo caladas diariamente. Entramos em contato com essas situações graças às narrativas reais que a autora reverbera poeticamente, politicamente.

Ao observar as narrativas que deram vida aos poemas, lembramos que a ação de contar histórias implica na arte de recontá-las, ação que se perde quando a história não é mais guardada. Quando ninguém está fiando ou tecendo enquanto escuta, então a narrativa se perde. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profunda é a impressão do que ele ouve. A associação do ritmo de trabalho às histórias sintoniza o ouvinte, fazendo-o adquirir a arte de transmitir experiências. Portanto, esta teia, que foi tecida nas formas mais antigas de trabalho manual há milhares de anos, agora está sendo dissolvida por todos os lados (BENJAMIN, 1987) por meio dos poemas de Jussara Salazar. Infelizmente, as formas automáticas e mecanizadas de executar trabalhos que fogem aos sistemas manuais não permitem aos trabalhadores ouvir histórias enquanto produzem, distanciando cada vez mais as habilidades de ouvir e contar do homem moderno.

Jussara Salazar parece ilustrar o que afirma Benjamin (1987) ao resgatar as histórias das três mulheres mencionadas. Preservar o hábito enriquecedor de contar situações vividas torna inesquecíveis as passagens da vida humana: “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores.” (BENJAMIN, 1987, p. 198). Essas narrações, mesmo que líricas, preservam memórias dolorosas que marcam o leitor que interpreta a obra.

Considerações finais

Pierre Nora (1993) afirma que o texto literário é um lugar de memória, uma vez que nele ocorre a reverberação de uma vivência individual ou de um grupo. Nesse sentido, a memória é revisitada e utilizada por Salazar tornando presentes situações que envolvem vozes femininas que assinalam a resistência contra a exclusão na sociedade. Essas vozes são representadas por mulheres comuns, donas de casa, rendeiras, rezadeiras, profissionais de diversos ramos, escritoras, artistas, lésbicas, guerreiras, muitas delas assassinadas, enfim, mulheres que se destacaram por resistir aos desmandos do patriarcado.

A poética vista pela perspectiva de um audacioso olhar feminino e pelo furor feminista da poeta emana a resistência das mulheres, partindo das situações que impõem condições problemáticas ao ser mulher, advindas de uma concepção machista da sociedade por ações de opressão, silenciamento, violência, entre outros. Dessa forma, consideramos a necessidade de instituir cada vez mais espaços como lugares de leitura e interpretação de textos literários como os de Jussara Salazar, para que o contato com a poesia possa ser também uma experiência libertadora, como o foi para nós.

Referências

- BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo Sexo: Fatos e Mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 34. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.
- CONVERSA COM ESCRITOR. #104/2021 – Conversa com Escritor(a) recebe Jussara Salazar. Online: Conversa com Escritor, 2022. 1 vídeo (2h23min23s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qVcyzqbHje0&t=2613s>. Acesso 23 mar. 2022.
- DUARTE, Constância Lima. Feminismos e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003.
- FLORES, Guilherme Gontijo. Tudo que rasga: bala, faca e língua. **Revista Continente**, Recife, 24 fev. 2021. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/secoes/resenha/tudo-que-rasga--bala--faca-e-lingua>. Acesso em 24 fev. 2022.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, p. 7-28, dez. 1993.

PAZ, Otávio. **O Arco e Lira**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SALAZAR, Jussara. “Escrevo, apenas”. Entrevista concedida ao O povo, o jornal do Ceará. **Jornal de Poesia**, *online*, 27 jun. 2005. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/jussarasalazar1.html>. Acesso em: 30 mar. 2022.

SALAZAR, Jussara. **Dados biográficos**. Centro de Documentação de Literatura de Autoria Feminina Paranaense – Universidade Estadual de Maringá (UEM). Disponível em: <http://sites.uem.br/cedoc-lafep/indice-de-escriptoras/letra-j/jussara-salazar/dados-biograficos>. Acesso em: 20 jul. 2021.

TEIXEIRA, Nínia Cecília Ribas Borges. Entre o ser e o estar: o feminino no discurso literário. **Guairacá Revista de Filosofia**, Guarapuava, v. 25, n. 1, p. 81-102, 2009. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/guaiaraca/article/view/1125/1082>. Acesso em: 18 dez. 2020.

SALAZAR, Jussara. **O dia em que fui Santa Joana dos matadouros**. Recife: Cepe, 2020.

SILVA, Janaína Buchweitz e. O feminismo como aporte teórico e tendências da literatura brasileira contemporânea de autoria feminina. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 5, 2021, p. 333-348.

ZOLIN, Lúcia Osana. A literatura de autoria feminina no contexto da pós-modernidade. **IPOTESI**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 105-116, 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2009/10/a-literatura-de-autoria-feminina.pdf>. Acesso: 05/01/2022.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 4. ed. Maringá: EDUEM, 2019a. p. 319-330.